

**A FORMAÇÃO HUMANA NA *IDEOLOGIA DA SOCIEDADE INDUSTRIAL* DE MARCUSE: TENDÊNCIAS E UNIDIMENSIONALIDADE**

**THE HUMAN FORMATION IN MARCUSE'S *ONE-DIMENSIONAL MAN*: TENDENCY AND ONE-DIMENSIONALITY**

Tiago Brentam Perencini\*

**RESUMO**

Este artigo é parte de uma ampla pesquisa [PIBIC/CNPq], desenvolvida no ano de 2010, que pretendeu tencionar a (im)possibilidade de se praticar o ensino de filosofia em detrimento da (semi)formação nas sociedades contemporâneas. O objetivo é analisar como Herbert Marcuse concebe a formação humana em seu livro *A ideologia da Sociedade Industrial* a partir de tendências conceituadas por “unidimensionais”, que envolvem noções como a liberdade e a necessidade, o trabalho e a cultura. Em posse da filosofia marcuseana, a *liberdade* e as *necessidades* perderam seus sentidos originais e foram ressignificados ideologicamente como novos e falsos conceitos à medida que a sua assimilação individual ocorre como social. No que concerne ao *trabalho*, este perdeu a sua função dialética e subjetiva no contato com o grande crescimento da automatização nos meios de produção. A produtividade é determinada por máquinas e não pelo indivíduo. A *cultura*, por sua vez, se torna repressiva assim que a escala da reprodução e da exibição excessiva assimila a arte à realidade, aproximando o Princípio de Prazer ao Princípio de Realidade. Marcuse propõe, contudo, alternativas para a *recusa* dessa padronização conceitual e não formativa. Insiste na “função terapêutica” da filosofia crítica como tarefa política de mudança e apresenta a “recusa absoluta” ou “a grande recusa” como medida de emancipação. Em aporte à concepção de *recusa* na filosofia marcuseana, o artigo tenciona o papel da educação como negação do *status quo* na Sociedade Industrial.

**Palavras-chave:** Educação. Filosofia. Formação Humana. Marcuse.

**ABSTRACT**

This article is part of a wide research [PIBIC/CNPq] developed in 2010, that intended to modify the (not)possibility of the teaching philosophy practice, over the (semi)formation in contemporary society. The purpose of the study is to analyse how Herbert Marcuse conceives the human development in his book *The ideology of the Industrial Society* from the trends so called “one-dimensional”, involving concepts such as liberty and necessity, the labor and the culture. In possession of the Marcuse’s philosophy, the liberty and the necessity have lost their original senses and have been ideologically interpreted as new and false concepts as their individual assimilation occurs socially. Regarding the labor, it has lost its dialectical and subjective function because of the contact with the big automation’s growth in the means of production. The productivity is determined by machines, not by the individuals. The culture becomes repressive as soon as the scale of reproduction and excessive exhibition

---

\* Faculdade de Filosofia e Ciências. UNESP. Campus de Marília. [tiagaobp@yahoo.com.br](mailto:tiagaobp@yahoo.com.br)

assimilates the art to the reality, bringing closer the Principle of Pleasure and the Principle of Reality. Marcuse proposes, however, alternatives to the refusal of this conceptual and non-formative padronization. He insists on the “therapeutic function” of the critical philosophy as a political task of changing, and presents the “absolute refusal” or “big refusal” as way of emancipation. According to the conception of *refusal* on Marcuse’s philosophy, this article modifies the role of education as a denial of the “status quo” in the Industrial Society.

**Keywords:** Education. Philosophy. Human Formation. Marcuse.

## A Unidimensionalidade

Marcuse deixa claro o seu objetivo percorrido ao longo da obra *A ideologia da Sociedade Industrial*. Já na introdução ao livro diz:

A minha análise é focalizada nas tendências das sociedades contemporâneas mais altamente desenvolvidas. Há grandes setores dentro e fora dessas sociedades nos quais as tendências descritas não prevalecem – eu antes diria que ainda não prevalecem. Destaco essas tendências e apresento algumas hipóteses – nada mais. (1979, p. 20).

O artigo ora apresentado foi feito em conformidade a essa mesma pretensão de Marcuse. Procurarei apresentar as tendências dessas sociedades contemporâneas, todas ligadas ao problema da unidimensionalidade, para, posteriormente, discorrer sobre as hipóteses e alternativas de recusa a esse problema, tendo como base a ressignificação do conceito de “formação humana”.

A noção de tendência (*tendency, trends*) parece, antes de uma apropriação Marcuseana, um pressuposto muito usado em Teoria Crítica. Tendência opõe-se ao que é puramente teórico, como as leis ou postulados; faz antes menção a história e deve, portanto, ser analisado pelo teórico crítico. Assim, as tendências que pairam nessa nova sociedade fogem àquelas analisadas por Marx. Antes havia a ideia clara de recusa e oposição, isto é, proletários de um lado, burgueses de outro. Agora repousa no indivíduo o comportamento unidimensional dentro de uma sociedade que, por um lado, cria condições reais para a emancipação individual, mas, por outro, priva esse mesmo indivíduo da sua condição histórica na autogestão do sistema capitalista e tecnológico.

O conceito de unidimensionalidade dentro de *A Ideologia da Sociedade Industrial* ganha análises distintas sobre inúmeros aspectos. Ficaremos com uma definição básica para, posteriormente, entendermos como ele se personifica sobre as mais diversas esferas. A unidimensionalidade, em linhas gerais, parece ser a

harmonização dos opostos e, portanto, a ideia de que esses caminham para uma única dimensão, como sugere o nome. Já na introdução da obra citada, Marcuse descreve:

[...] a sociedade industrial desenvolvida confronta a crítica com uma situação que parece privá-la de suas próprias bases. O progresso técnico, levado a todo um sistema de dominação e coordenação, cria formas de vida (e de poder) que parece reconciliar as forças que se opõem ao sistema e rejeitar ou refutar todo o protesto em nome das perspectivas históricas de liberdade de labuta e de dominação. A sociedade parece conter a transformação social – transformação qualitativa que estabeleceria atribuições essencialmente diferentes, uma nova direção dos processos produtivos, novas formas de existência humana. Essa contenção da transformação é, talvez, a mais singular realização da sociedade industrial desenvolvida [...] (1979, p. 16).

### **A Liberdade e as Necessidades<sup>1</sup>**

Ao pensarmos nas formas tradicionais das necessidades humanas, temos a aceção do que nos é “condicionado externamente”, “que não pode ser de outra forma”; “que temos de admitir como existente” e, ainda, relacionamos a ideia de necessidade com a de contingência, isto é, “o que acontece sem escolha deliberada”. Cabe ao ser humano, portanto, a ideia de oposição ao que lhe é “condicionado externamente”, “que não pode ser de outra forma”, como um princípio de liberdade, ou seja, fuga à necessidade e/ou contingência. Mas, na análise de Marcuse, a Sociedade Tecnológica ressignifica os moldes tradicionais desses dois conceitos, extraindo antes seu caráter de oposição e fazendo-se convergir para uma única direção de satisfação.

A liberdade é vista agora como um poderoso instrumento de dominação já que se encontra institucionalizada no conceito das falsas necessidades criadas pela tecnologia. A concepção de que, com a ideia de progresso tecnológico, as necessidades individuais estão sendo totalmente satisfeitas, anula a busca pela liberdade do indivíduo.

Marcuse fala, primeiro, sobre a criação de novas necessidades – também conhecidas como falsas e secundárias – por essa sociedade com o objetivo de torná-las essenciais e primárias. Por necessidades primárias entende-se as que, sem a sua satisfação, o ser humano estaria fadado à morte. É, portanto, a necessidade de alimentação, água, descanso e aquecimento. Já as “falsas” são aquelas superimpostas ao

---

<sup>1</sup> A correlação das liberdades e necessidades com o comportamento unidimensional aparece em quase toda “A Ideologia da Sociedade Industrial”. É, pois, percorrida com maior ênfase no capítulo um chamado “As Novas Formas de Controle”, que consta na primeira sessão, “SOCIEDADE UNIDIMENSIONAL”.

indivíduo por interesses sociais particulares ao reprimi-lo: as necessidades que perpetuam a labuta, a agressividade, a miséria e a injustiça” (MARCUSE, 1979, p. 26).

Exemplos claros de tais necessidades dizem respeito ao luxo e a tecnologia excessiva que, antes da satisfação pontual da necessidade, torna o poder de compra uma atividade sempre a ser perseguida. Especifiquemos o conceito de necessidade real e secundária pegando o exemplo de um automóvel: a necessidade real encontra-se na locomoção de forma mais rápida, já a falsa reside no fato de o consumidor pensar que tem a necessidade de adquirir o “carro do ano”, seja porque este tem a função x ou y, que não havia em seu antigo veículo, ou por ser mais “belo”, etc., até que se lance outro e outro modelo de compra. Esse fenômeno torna antes a escravização do indivíduo frente uma necessidade criada do que a satisfação plena dela.

Outro ponto tocado por Marcuse trata-se da assimilação das necessidades individuais como sociais, principalmente no que o filósofo chama de função ideológica da “igualação das distinções de classe” (1979, p. 29), isto é, patrão e empregado tendo acesso aos mesmos meios de consumo, assistindo aos mesmos meios midiáticos, etc. Ele exemplifica:

Se o trabalhador e seu patrão assistem ao mesmo programa de televisão e visitam os mesmos pontos pitorescos, se a datilógrafa se apresenta tão atraentemente pintada quanto à filha do patrão, se o negro possui um Cadillac, se todos leem o mesmo jornal, essa assimilação não indica o desaparecimento de classe, mas a extensão com que as necessidades e satisfações que servem à preservação do Estabelecimento é compartilhada pela população subjacente. (1979, p. 29).

Resta, por fim, comentar como essa sociedade se utiliza da transformação e assimilação de valores em necessidades para exercer a sua repressão através delas. Basta ligarmos a televisão durante uma hora em um canal qualquer e anotarmos o quanto de palavras, expressões ou ideias de “liberdade”, “felicidade”, “realização”, “futuro” estão sendo relacionadas à compra de um colchão, uma máquina de lavar roupa, um carro ou uma geladeira. Num sentido metafórico, é como se estivéssemos próximos a uma forca e em cima houvesse uma grande placa dizendo “Enforque-se na corda da liberdade”. Assim, todas às vezes que sentíssemos a sensação de liberdade mais e mais à corda nos apertaria e, por fim, reprimiria.

Essa é a “euforia na infelicidade” (1979, p. 26) que vem falar Marcuse sobre a repressão necessária que se serve a sociedade, falseando assim o conceito de liberdade e tantos outros. Essa ideia repressiva toma maior força com a satisfação em grande massa

das necessidades criadas. Ora, quem questionaria uma sociedade que abastece em maior medida as satisfações dos seus indivíduos, se comparado às formas de vida anteriores?

Nas condições de um padrão de vida crescente, o não conformismo com o próprio sistema parece socialmente inútil, principalmente quando acarreta desvantagens econômicas e políticas tangíveis e ameaça o funcionamento suave do todo. (MARCUSE, 1979, p. 24).

As hipóteses e alternativas para a possível conscientização e, por fim, emancipação individual com relação aos falseamentos da liberdade e necessidades criadas, segundo Marcuse, depende primeiramente da consciência de servidão para existir a possibilidade da “substituição de falsas necessidades por outras verdadeiras, o abandono da satisfação repressiva” (1979, p. 28). Ficaremos com um exemplo – radical, mas eficaz – onde Marcuse ilustra o que poderia ser a liberdade das necessidades repressivas, estimuladas em maior medida nos seus meios midiáticos:

[...] A mera ausência de toda propaganda e de todos os meios doutrinários de informação e diversão lançaria o indivíduo num vazio traumático no qual ele teria a oportunidade de cogitar e pensar, de conhecer a si mesmo (ou antes, o negativo de si mesmo) e a sua sociedade. Privado de seus falsos pais, líderes, amigos e representantes, teria de novamente aprender o ABC. Mas as palavras e sentenças que formaria poderia surgir de modo assaz diferente, o mesmo podendo suceder às suas aspirações e aos temores. (1979, p. 226).

## **O Trabalho<sup>2</sup> e a Política**

Há diferenças claras entre a sociedade observada por Marx e pelos teóricos-críticos. Em Marx havia a recusa do proletariado em maneiras bem definidas; na sociedade marcuseana paira o comportamento unidimensional no indivíduo que se funde a política e a sociedade. Em termos gerais, “o novo mundo do trabalho tecnológico impõe um enfraquecimento da posição negativa da classe trabalhadora” (MARCUSE, 1979, p. 48) porque há o processo de coisificação do trabalhador através da automatização, meio de produção reinante entre o processo industrial-tecnológico.

Marcuse entende por automatização uma expansão maior “do que o crescimento quantitativo da mecanização – que é a alteração no caráter das forças produtivas básicas” (1979, p. 51-52) e, assim como quase tudo nessa sociedade, é residente nela

---

<sup>2</sup> Assim como na relação entre liberdade, necessidade e emancipação, os escritos marcuseanos sobre o potencial do trabalho ganham a atenção ao longo de todo o livro. Mas ganham prioridade quando o filósofo analisa a unidimensionalidade na esfera política, em seu capítulo dois, “*O Fechamento do Universo Político*”.

tanto o caráter explorador como a possibilidade emancipatória. O seu caráter explorador reside essencialmente na subordinação do homem à máquina. Através da industrialização institucionalizada o homem assumiu papel secundário frente a sua criação máxima. Até a medição da eficácia do trabalhador torna-se suspeita, visto a noção de valor ter se perdido em meio a tantos botões e engrenagens em que ele está inserido.

A máquina é a personificação do poder de trabalho humano e, por meio disso, o trabalho pregresso (trabalho morto) se preserva e determina o trabalho vivo. Agora, a automatização parece alterar qualitativamente a relação entre trabalho morto e trabalho vivo; tende para um ponto em que a produtividade é determinada ‘pelas máquinas e não pelo rendimento individual’. (MARCUSE, 1979, p. 46).

Outro ponto comum na dominação pelo trabalho é a perda da subjetividade do trabalhador, encarnando-se como um representante integral da empresa. Ora, é a empresa quem patrocina o seu time de futebol aos finais de semana, é com os chefes e/ou demais subordinados que ele tem seus pequenos momentos de entretenimento; falam, portanto, de assuntos próprios à corporação. Nota-se, assim, um esforço grande do trabalhador para compartilhar e resolver os problemas de produção, de ordem tecnológica na empresa (MARCUSE, 1979).

Marcuse deixa claro, entretanto, o potencial emancipador da automatização. É ela quem pode possibilitar ao homem a abolição da mão de obra pesada, da labuta ordinária e arduo. Mais ainda,

A automatização completa na esfera da necessidade abriria a dimensão do tempo livre como aquela em que a existência privada e social do homem constituiria ela própria. Isso seria a transcendência histórica rumo a uma nova civilização. (1979, p. 53).

É preciso a consciência de que o poder da máquina é apenas o poder do homem, armazenado e projetado. O potencial para a emancipação na esfera do trabalho tem de tomar, primeiramente, a consciência de servidão do homem pelo trabalho e, acima de tudo, preceder a redução do trabalho – assim como a industrialização tem de preceder o desenvolvimento das reais necessidades e satisfações humanas. Faz-se necessária na visão de Marcuse, portanto, o interesse político para essa conscientização e redução no indivíduo.

## A Cultura

A unidimensionalidade, no âmbito da cultura, ganha foco no terceiro capítulo, “*A conquista da consciência feliz: dessublimação repressiva*”. Como o próprio nome sugere, “consciência feliz”, “dessublimação repressiva” e a relação entre o princípio de prazer e o da realidade são conceitos recorrentes no capítulo. Pretendo analisá-los, focando-me na dessublimação e na relação entre ambos os princípios, como tendências da nova sociedade e apontar suas possíveis alternativas de recusa na cultura.

Marcuse toma como exemplo a literatura na sociedade industrial desenvolvida para classificar o conteúdo assimilador da arte à realidade, formando assim um novo totalitarismo que se manifesta “num pluralismo harmonizador, no qual as obras e as verdades mais contraditórias coexistem pacificamente com indiferença” (1979, p. 73). E esse “aplainamento” cultural não ocorre antes pela rejeição de valores culturais que antes predominavam ou existiam em grande medida, mas, sobretudo, por a incorporação deles “na ordem estabelecida, pela sua reprodução e exibição em escala maciça” (1979, p. 70). É a passagem social de uma cultura *bidimensional* para a sua conversão na *unidimensionalidade*.

A *dessublimação* trata-se em sua terminologia do que é contrário à sublimação. Se o segundo termo é, definido em linhas genéricas, o mecanismo de defesa psíquico que canaliza os impulsos libidinais para padrões mais elevados e socialmente aceitáveis da satisfação sexual, certamente a dessublimação será seu oposto ou, antes, a não sublimação completa. Para Marcuse (1979, p. 82), essa mudança substitui a “satisfação mediata por satisfação imediata”, isto é, exclui os meios que deslocavam sua energia sexual para um alvo não sexual em favor de elementos sexistas existentes na sociedade pela “modificação do uso social da energia instintiva”.

Essa dessublimação torna-se ainda repressiva, pois encontra-se a serviço do mercado. É visto nas comunicações de massa a mistura

[...] harmoniosamente e, com frequência, imperceptivelmente, [da] arte, política, religião e filosofia com anúncios, [e] levam essas esferas da cultura ao seu denominador comum – a forma de mercadoria. A música da alma é também a música da arte de vender. O que importa é o valor de troca e não o da verdade. Em torno dele, gira a racionalidade do *status quo*, e toda racionalidade alienígena se submete a ele. (MARCUSE, 1979, p. 70).

Para melhor especificar essa assimilação, explicarei o que Marcuse entende por “alienígena” (*alien*). Alienígena nos lembra o que é de outro mundo, portanto próprio a

outro, que nos remete ainda ao conceito de alienação. A *alienação artística* para Marcuse é a “transcendência consciente da existência alienada – uma alienação de “nível superior” ou interposta” (1979, p. 72), portanto, não acarreta *em essência* o caráter da alienação social e é, antes, a consciência dessa alienação inferior. O problema é que a essa alienação artística superior também foi conferida, pela sociedade atual, a apropriação da alienação social nas bases da tecnologia, tornando-se mercadorias e serviços familiares.

Já tratando do ponto de vista psicológico no indivíduo, ainda tendo como arcabouço a sua relação com a cultura, Marcuse vem falar sobre a assimilação do Princípio de Prazer ao Princípio da Realidade na arte. Não especifica claramente o que entende por um e outro nessa obra, mas frisa as consequências dessa assimilação na sociedade. Considerada como um requisito histórico do progresso, nessa tendência

[...] toda uma dimensão de atividade e passividade humanas foi desertizada. O ambiente no qual o indivíduo podia obter prazer – que ele podia concentrar como agradável quase como uma zona estendida de seu corpo – foi reduzido. Consequentemente o “universo” de concentração de desejos libidinosos é do mesmo modo reduzido. O efeito é uma localização e contração da libido, a redução da experiência erótica para experiência e satisfação sexuais. (MARCUSE, 1979, p. 83).

O exemplo marcuseano desse fator é o enfraquecimento da revolta dos instintos contra o Princípio de Realidade pelo contraste entre a repressão da sexualidade na literatura clássica e romântica e em nossa literatura contemporânea. Depois de citar algumas obras clássicas que trazem em si um “compromisso erótico” – como *Phédre* de Racine, *Lês fleurs du Mal* de Baudelaire ou *Anna Karenina* de Tolstói – em que a sexualidade aparece “consistentemente em forma altamente reflexiva, sublimada e ‘mediada’” (1979, p. 86), Marcuse as contrapõe a obras onde a sexualidade dessublimada é desenfreada “em todos os enredos das orgias de Hollywood e Nova York, bem como nas aventuras das donas de casa suburbanas” (1979, p. 86) e explica o seu ar positivo, isto é, a contraposição à arte de negação, característica essencial da recusa à unidimensionalidade. Para ele, o caráter das obras onde ocorre a dessublimação desenfreada são

[...] infinitamente mais realista, ousado e desinibido. É parte e parcela da sociedade em que ocorre, mas em ponto algum sua negação. O que ocorre é, sem dúvida, selvagem e obsceno, viril e saboroso, assaz imoral – e, precisamente por isso, perfeitamente inofensivo. (1979, p. 87).

Em essência, a perda da transcendência artística, da alienação estética – como entendida na especificação marcuseana explicada acima – na assimilação da arte pela realidade como valor de troca favorece a repressão.

Essa mobilização e administração da libido pode ser a responsável por muito da submissão voluntária, da ausência de terror, da harmonia preestabelecida entre necessidades individuais e desejos, propósitos e aspirações socialmente necessários. A conquista tecnológica e política dos fatores transcendentais da existência humana, tão característica da civilização industrial desenvolvida, afirma-se aqui na esfera instintiva: satisfação de um modo que gera submissão e enfraquece a racionalidade do protesto. (MARCUSE, 1979, p. 85).

Ao contrário das demais noções já analisadas (liberdade e necessidades, trabalho e política), Marcuse não propõe uma alternativa cultural específica. Foca, antes, a postura instintiva do indivíduo frente à cultura. Pelo todo da obra, a recusa individual da arte positiva, na sua assimilação ao valor de mercado, seria a mais eficaz alternativa no âmbito cultural/artístico. Só ela permitiria a não subordinação do Princípio de Prazer ao da Realidade, libertaria a concepção de que o real seja racional na Consciência Feliz, mediará o que agora se encontra imediato na dessublimação repressiva da arte.

### Considerações finais

No que se refere à concepção de “formação humana” em Marcuse, parece que há, antes, uma “não formação” ou, em se tratando de um teórico crítico, uma formação que não possibilita a emancipação humana, isto é, não condiz ao “Esclarecimento” (*Aufklärung*) kantiano, que é a passagem da menoridade para a maioridade intelectual do homem. Toda a formação humana em *A Ideologia da Sociedade* acarreta necessariamente a tendência à *unidimensionalidade* dessas sociedades contemporâneas.

O conceito de unidimensionalidade, como o próprio nome sugere, diz respeito à sociedade convergida para uma única dimensão; sem crítica ou oposição efetiva. Repousa sobre um problema demasiado ambíguo para essa sociedade: Por um lado, as atuais condições de progresso e desenvolvimento fornecem os meios materiais de emancipação para o homem, contudo, para a autogestão desse sistema, é tirado do homem a sua real possibilidade emancipatória. As esferas da liberdade e necessidade, trabalho e política, e cultura – partes da “formação humana” – parecem encontrar-se, antes, a serviço da manutenção e estímulo ao capitalismo sob as suas mais diversas

formas de mercadoria. Esse “todo harmonizador” favorece o desaparecimento da crítica, a crença de que o real seja racional e, acima de tudo, formas sutis de dominação. Marcuse sugere o problema ambíguo para essas sociedades, tomando como análise o “estilo de vida unidimensional”:

Os produtos doutrina e manipulam; promovem uma falsa consciência que é imune à sua falsidade. E, ao ficarem esses produtos benéficos à disposição de maior número de indivíduos e de classes sociais, a doutrinação que eles portam deixa de ser publicidade; torna-se um estilo de vida. É um bom estilo de vida – muito melhor do que antes – e, como um bom estilo de vida, milita contra a transformação qualitativa. Surge assim um padrão de *pensamento e comportamento unidimensionais* no qual as ideias, as aspirações e os objetivos que por seu conteúdo transcendem o universo estabelecido da palavra e da ação são repelidos ou reduzidos a termos desse universo. São redefinidos pela racionalidade do sistema dado e de sua extensão quantitativa. (1979, p. 32).

No que diz respeito às liberdades e necessidades, Marcuse afirma o seu falseamento com interesses bem específicos por parte do capitalismo. A liberdade é vista nas sociedades contemporâneas como um poderoso instrumento de dominação, pois se encontra institucionalizada no conceito das falsas necessidades criadas pela tecnologia. Ambas perderam seus significados originais. Liberdade, agora, parece pertencer exclusivamente à liberdade de compra, de posse e de venda. Já as verdadeiras necessidades humanas foram ressignificadas em inúmeras outras necessidades secundárias, ocorrendo à assimilação das necessidades individuais como sendo sociais e a transformação de valores em necessidades. A conscientização e substituição dessas falsas necessidades por verdadeiras, assim como a retomada do conceito tradicional de liberdade, isto é, o que remete a emancipação e ao real esclarecimento do indivíduo, sugestionam as formas de reverter o processo descrito nessas esferas.

O trabalho e a política encontram-se intimamente relacionados na obra de Marcuse. O autor aponta para a dominação através do grande crescimento da automatização nos meios de produção. Esse fenômeno causa a posição secundária do trabalhador frente à máquina e, acima de tudo, a sua perda de subjetividades. Só a potencial vontade política poderia fazer o homem tomar a consciência dessa servidão e, acima de tudo, lutar pela redução do trabalho.

A cultura, para Marcuse, assumiu o caráter positivo – isto é, o contrário da arte negativa, daquela que se propõe criticamente e questiona os valores socialmente estabelecidos – através da “sua reprodução e exibição em escala maciça” (1979). Assim, a arte perdeu seu caráter transcendental, transformando-se antes em dessublimação

repressiva, incorporando o Princípio de Realidade ao Princípio de Prazer e, acima de tudo, perdendo a sua dimensão estética nos meandros do capital. Como lembrou Marcuse (1979), é comum o teatro misturar-se com anúncios de compras, a música da alma é também a música da arte de vender. Por outro lado, a recusa individual da arte positiva, na sua assimilação ao valor de mercado, seria a mais eficaz alternativa no âmbito cultural/artístico. Só ela permitiria a não subordinação do Princípio de Prazer ao da Realidade, libertaria a concepção de que o real seja racional na Consciência Feliz, mediaria o que agora se encontra imediato na dessublimação repressiva da arte.

Pretendo, por fim, focar as hipóteses da recusa marcuseana no todo da unidimensionalidade. Só assim poderemos perceber qual o papel que a educação e a filosofia podem exercer frente a essa problemática.

Um pressuposto tem de ficar claro quando analisada a obra de Marcuse. Ele não é avesso à tecnologia; percebe, antes, o seu potencial emancipador. O rompimento com a racionalidade tecnológica “depende, por sua vez, da existência continuada da própria base tecnológica. Pois é essa base que tornou possível a satisfação das necessidades e a redução da labuta” (1979, p. 214). Não é, portanto, a tecnologia causa da alienação e dominação, mas as formas com que se utiliza dela.

Marcuse (1979, p. 223) afirma que “a mudança qualitativa parece pressupor uma mudança *quantitativa* no padrão de vida avançado, a saber, *redução do superdesenvolvimento*” como a premissa inicial para a criação de um pensamento essencialmente crítico, isto é, “a luta por definir o caráter irracional da racionalidade estabelecida” (MARCUSE, 1979, p. 211). A partir disso, ganha força a “função terapêutica” da filosofia, a saber, aquela que se transforma em tarefa política para atender à sua finalidade emancipatória quando pretende “mostrar a realidade como aquilo que realmente é e mostrar aquilo que essa realidade impede de ser” (MARCUSE, 1979, p. 187). Para isso, é necessária também uma filosofia crítica, próxima da locução na comunidade e não apenas esterilizada e anestesiada nos muros universitários<sup>3</sup>.

Há ainda outro fator para a mudança qualitativa que vai além da filosofia crítica. Se, por um lado, a dominação unidimensional sob a face da administração é a forma mais pura e eficaz de servidão voluntária, uma vez que se torna a boa vida de todos em defesa da união dos opostos, há, para Marcuse, outra forma pura e revolucionária de negação à unidimensionalidade: a grande recusa ou recusa absoluta, “uma recusa tanto

---

<sup>3</sup>Cf. MARCUSE (1979, p. 186).

mais irrazoável quanto mais o sistema estabelecido desenvolve sua produtividade e suaviza o fardo da vida” (1979, p. 234). Recusa aos meios de comunicação que ditam as formas de mercado por meio da sua linguagem sugestivamente sedutora; à arte que se apoia na fusão obscena entre estética e realidade; às falsas ideias de liberdade de compra e necessidades secundárias; ao trabalho que alimenta mais labuta para satisfazer a satisfação tecnológica. Só essa recusa total validaria as conquistas da civilização industrial no que diz respeito à sua emancipação, uma vez que através da falsa ideia de progresso se pôde abdicar verdadeiramente desse progresso. Só essa recusa, à luz marcuseana, pode “começar a conseguir o que as contradições inerentes do capitalismo não conseguiram – a desintegração do sistema” (1979, p. 226).

### **Referências**

- MARCUSE, Herbert. **One-dimensional man**: studies in the ideology of advanced industrial society. Boston: Beacon Press, 1966.
- \_\_\_\_\_. A ideologia da sociedade industrial. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- \_\_\_\_\_. In: LOUREIRO, Isabel (org). **Herbert Marcuse**: a grande recusa hoje. Petrópolis: Vozes, 1999.
- MATOS, Olgária C. F. **A Escola de Frankfurt**: luzes e sombras do iluminismo. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2005.
- WIGGERSHAUS, Rolf. **A Escola de Frankfurt**: história, desenvolvimento teórico, significação política. 2. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2006.